

## **Café China Embaixador Roberto Jaguaribe, Presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil)**

---

A mais recente edição do Café China, realizada em São Paulo, no dia 21 de fevereiro, teve como convidado especial o Embaixador Roberto Jaguaribe, presidente da Apex-Brasil. O encontro se deu no escritório da Veirano Advogados, e contou com cerca de 30 convidados oriundos de grandes empresas brasileiras com especial interesse nas relações Brasil-China. Aproveitando o momento, Jaguaribe comentou sobre o papel fundamental do CEBC na estruturação do relacionamento com a China, tendo indicado também o interesse da Apex-Brasil em seguir ampliando as frentes de relacionamento e cooperação com o Conselho.



**Pedro de Freitas (Veirano Advogados); Embaixador Castro Neves (CEBC), Embaixador Jaguaribe (Apex-Brasil)**

Em análise conjuntural, Jaguaribe mencionou que as trocas sino-brasileiras tem caráter central, tanto para o Brasil quanto para a China, sendo uma relação que se construiu ao longo dos últimos 40 anos, que ganhou impulso na década de 1990, e relevância ainda maior neste novo milênio. Segundo o embaixador, a China é atualmente nosso primeiro parceiro comercial, um investidor que cresce ano a ano, e a fonte mais fidedigna de recursos públicos para abastecer demandas brasileiras, com uma proposta de inserção no País muito significativa.

Entretanto, destacou a existência de alguns problemas centrais na relação do Brasil com o país asiático. Segundo o presidente da Apex, a ascensão da China é benéfica para o mundo e para o Brasil. Porém, nessa nova fase que se constitui na esfera internacional, a falta de uma

estratégia clara do País em relação à China é uma das grandes lacunas estruturais desse relacionamento, o que se apresenta como um considerável ônus para ambas as partes – mas, sobretudo, para o lado brasileiro - uma vez que a China conta com uma estratégia bem definida no que diz respeito as interações com o Brasil. Nesse sentido, destacou que o Brasil carece fundamentalmente de uma coordenação no enfoque do relacionamento com a China, o que é particularmente relevante, porque a China é muito estruturada e mantém uma política direcionada para seus objetivos, que são traçados com clareza, o que, entre outros aspectos, tem permitido que empresas chinesas façam investimentos com expectativas de retorno a longo prazo em função de uma visão estratégica de ocupação de espaços.

Jaguaribe identificou também outro ponto deficitário, de aspecto cultural, presente na relação sino-brasileira, no qual a China sai frustrada porque entende que o Brasil não consegue cumprir com aquilo que se compromete a fazer em diversos encontros bilaterais ou multilaterais. Quando uma liderança chinesa do alto escalão promete algo, a probabilidade de que aconteça é elevada, enquanto no Brasil não costuma haver certezas sobre o destino de compromissos firmados. Essa diferença cultural, ressaltou o embaixador, gera frustrações que podem gradualmente minar o processo de credibilidade do relacionamento.

Tendo em vista a urgência de uma reorganização estratégica em relação à China por parte do governo brasileiro, Jaguaribe indicou que houve uma reconfiguração do espaço destinado às discussões comerciais, presente na Câmara de Comércio Exterior (CAMEX), que, revalorizada, saiu do âmbito do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços e passou para a Presidência da República. Outra iniciativa destacada pelo embaixador foi a criação, no próprio espaço da CAMEX, de um “Grupo China”, especificamente voltado para direcionar a relação bilateral.



**Café China, Veirano Advogados, São Paulo.**

Já no caso da Apex-Brasil, ressaltou Jaguaribe, não costuma haver políticas específicas por país, mas estratégias voltadas para demandas setoriais. No caso da China, entretanto, há uma exceção, que, de acordo com o embaixador, se baseia no profundo desconhecimento que as empresas brasileiras têm sobre o país. Nesse sentido, foi considerado como fundamental que a Apex se posicione, por meio da criação de um “Grupo China”, para gerar inteligência do ponto de vista comercial, de investimentos, e, inclusive, ajudar empresas brasileiras que queiram se instalar no país asiático. De acordo com o presidente da Apex, as empresas brasileiras tem desconhecimento - e até certo temor - em relação a China, e os setores produtivos não têm a expectativa de que vão penetrar no mercado chinês. Por isso, Jaguaribe afirmou ser necessário um esforço de compreensão que seja útil nas três áreas de atuação da APEX: comércio, investimentos chineses no Brasil, e apoio para empresas brasileiras que queiram se instalar no país asiático. De acordo com o embaixador, O “Grupo China” da Apex já está organizando diversas reuniões, que têm sido acompanhadas pelos mais altos níveis do governo, justamente para mostrar a importância desta iniciativa.

O palestrante sinalizou que, atualmente, diversas dimensões estão sendo tratadas nessa área da APEX. Em primeiro lugar, a questão da agroindústria, que vem dominando o comércio bilateral. Nessa área é possível observar um exemplo muito claro da estratégia de longo prazo da China. De acordo com Jaguaribe, o país, por ser um ator tão relevante no agronegócio mundial, não pode deixar que o comércio do setor seja controlado por companhias estrangeiras, como Cargill, Bunge e ADM. Nesse sentido, Pequim passou a reformular sua estratégia, construindo uma tática de ocupação crescente através da compra de cooperativas e tradings regionais, inclusive no Brasil. Além disso, o governo chinês também tem se empenhado em buscar o controle de empresas de tecnologia agrícola, o que é ilustrado claramente pela compra recente da Syngenta, possibilitando aos chineses a quebra da dependência de companhias estrangeiras como a Monsanto, que tem atuação muito forte e em escala global nesse setor. Tais ações visam garantir que a China possa ter controle sobre pontos vitais relativos a segurança alimentar do país.

Nesse contexto, de acordo com Jaguaribe, o Brasil faz parte integral da estratégia chinesa por duas razões. Primeiramente, o Brasil é o país com maior capacidade de prover aquilo que a China necessita e virá a precisar. E não apenas a China, mas toda a Ásia, já que o continente é responsável por 50% das compras agrícolas do Brasil, sendo que a China representa 25% do total. A segunda razão é de natureza geopolítica. A China não tem interesse em gerar conflitos, mas se preocupa em evitar que outros possam gerar impedimentos para o seu progresso e

sustentabilidade. Nesse quadro de possibilidades de tensões, há evidente preocupação por parte dos chineses em relação aos Estados Unidos. Assim sendo, a China procura países que tenham uma política externa independente, e esta percepção é aplicável no caso do Brasil, o que é extremamente importante para a consolidação da relação sino-brasileira.

Tendo consciência desse cenário, o embaixador ressalta que é necessário atentar a certas especificidades do lado chinês, como o fato de que o país tem uma estratégia natural de priorizar a agregação de valor em seu próprio território, o que pode minar potenciais ganhos para o Brasil. Entretanto, ressaltou Jaguaribe, como o Brasil não tem estratégia nem coordenação, acaba vendendo majoritariamente produtos de baixo valor agregado, o que não é sustentável no longo prazo. Em face a esta realidade, o Brasil precisa estabelecer, em diálogo aberto e de alto nível, um entendimento com os chineses de que é preciso criar maior equilíbrio na questão de agregação de valor. Um momento propício para o avanço desta agenda, segundo Jaguaribe, poderia se dar no contexto da visita que o Presidente Temer fará à China no marco do encontro dos BRICS, em setembro.

Com um horizonte promissor para o agronegócio brasileiro, a Apex tem dado especial atenção ao tema. O presidente da agência indicou que foi criado um programa multi setorial, com praticamente todos os subsetores da área, em coordenação com o Ministério da Agricultura e o Itamaraty, que tem sido chamado de “PANAGRO” (Programa de Acesso a Mercados do Agronegócio), que se articula em duas dimensões fundamentais: uma de acesso ao mercado; e outra de imagem. De acordo com Jaguaribe, a agropecuária brasileira padece de uma imagem inadequada, formada por interesses em rebaixar a percepção de qualidade da agricultura brasileira, focada na ideia de que o crescimento da produção agrícola nacional se deve ao aumento da devastação da cobertura vegetal nativa, o que, segundo o embaixador, é uma percepção equivocada. O crescimento da produção agrícola brasileira se deve, sobretudo, a um modelo de negócios, ao uso de tecnologias e a um aumento de produtividade muito significativo.

Sobre a questão dos investimentos, Jaguaribe apontou que a China tem sido um parceiro muito importante. De acordo com o embaixador, o próprio investimento na agroindústria é muito significativo, mas é no setor elétrico que as empresas chinesas têm entrado de forma realmente significativa. A State Grid e a China Three Gorges, por exemplo, passaram a ser atores absolutamente centrais no cenário brasileiro, e seguem com grande apetite no setor. Portanto, o governo tem incentivado a vinda de empresas chinesas. Com um panorama tão favorável, Jaguaribe mencionou que a Presidência da República determinou a realização de um

grande evento, em São Paulo, nos dias 30 e 31 de maio, intitulado “Brasil Investment Forum”, no qual o próprio Temer estará presente, além de ministros, uma multiplicidade de empresas e o CEBC.

Quando embaixador na China, Jaguaribe teve muitas conversas com setores do Banco Central Chinês, que deixaram e entender que estão muito abertos a possibilidades no Brasil. Entretanto, ressaltou o presidente da Apex, existem problemas relativos nesse cenário, que inclui o fato de que os chineses tem uma visão de que o Brasil precisa dar uma “lista de prioridades”, o que significa não apenas indicar quais são os projetos, mas também o que o governo vai fazer, e que tipo de garantia irá oferecer. A política atual, contudo, dá sinais de maior organização, uma vez que as concessões estão sendo feitas de forma muito mais flexível, mais atraente para o setor privado.

Jaguaribe destacou também a importância da próxima visita de Estado a ser realizada entre Brasil e China, tendo citado a quantidade de acordos relevantes que são comumente assinados na ocasião. Como mencionou, passos importantes para a relação bilateral já foram dados em outros encontros de alto nível, como a liberação de estabelecimentos para exportação de carne e frango, e contratos para venda de aviões da Embraer. Para a próxima reunião, Jaguaribe acredita na possibilidade de uma reorientação em termos de elaboração de estratégias do lado brasileiro. Nesse ponto, indicou o “Grupo China” da Camex como uma promessa para a superação de algumas dificuldades que o Brasil tem encontrado no âmbito da relação com o país asiático.

Ainda assim, a despeito de alguns avanços, Jaguaribe acredita que o Brasil precisa progredir muito em termos de cooperação com a China. De forma a ilustrar a situação atual, comparou o Brasil com os EUA, que é conhecido por contar com uma estrutura bastante eficaz. A embaixada americana na China tem representações de 65 áreas diferentes do governo, que englobam ministério, agências e afins. No caso brasileiro, ao contrário, há apenas as adidências militar e agrícola. Por outro lado, o presidente da Apex explicitou que a necessidade de uma estratégia de coordenação e integração é uma questão que está sendo debatida, sobretudo porque o Brasil conta com a representação do embaixador Marcos Caramuru de Paiva em Pequim, que conta com grande experiência na área privada e comercial.

No contexto da Apex, Jaguaribe mencionou a existência de uma multiplicidade de empresas brasileiras com interesse em fazer negócios com empresas chinesas, o que está gerando muitas oportunidades, dado que os investimentos chineses no Brasil têm sido comumente feitos via fusões e aquisições, ou seja, via apropriação de ativos já existentes.

No tocante a conjuntura global, em particular no que diz respeito as inquietações geradas pela nova presidência americana, Jaguaribe acredita que são, na verdade, muito convenientes ao fortalecimento de algumas relações, como no processo de integração regional na América Latina. Particularmente sobre os impactos na China, Jaguaribe tem a impressão de que o país asiático será capaz de tirar vantagens de uma postura mais isolacionista dos EUA, principalmente no que se refere a interrupção da Parceria Transpacífico (TPP), que, dentre outras atribuições, seria um mecanismo que poderia afastar a China de oportunidades no comércio internacional. Outro ponto salientado pelo embaixador, e que contraria reações alarmistas em relação a possíveis atritos nas trocas entre Pequim e Washington, é o reconhecimento, por parte dos Estados Unidos, da política de “uma só China”, condição *sine qua non* da política externa de Pequim e que mostra indutores de racionalidade no relacionamento do novo governo Trump com o país asiático.

Após apresentar seus posicionamentos, Jaguaribe concluiu sua palestra convencido de que muitas medidas já foram tomadas - sobretudo no contexto mais amplo do governo como um todo - para ajudar a reposicionar a relação com a China de uma forma mais equilibrada. Apesar da existência de instrumentos bilaterais como a COSBAN, Jaguaribe indicou a necessidade central de um alinhamento na questão dos investimentos chineses no Brasil, bem como um posicionamento mais pragmático na relação bilateral, para que a China continue sendo um grande parceiro comercial e possa ampliar significativamente sua capacidade de investimento no Brasil.